



## Pensar o futuro, lidar com o presente: UFRJ 2020, projeto experimental de curadoria

*Think about the future, deal with the present: UFRJ 2020, experimental curatorial project*

Michelle Sales<sup>1</sup>  
Madalena Grimaldi<sup>1</sup>  
Felipe Amancio<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir acerca do projeto curatorial UFRJ 2020<sup>3</sup>, realizado no ano de 2015, com apoio e financiamento da Decania do Centro de Tecnologia e da Escola de Belas Artes, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ciclo de exposições, realizadas entre abril e agosto de 2015, foi integrado como atividades do projeto de extensão Escola Atitude de Comunicação e Artes<sup>4</sup>, realizado entre 2013 e 2016, fazendo com que as ações do projeto curatorial e de extensão/ensino estivessem interrelacionadas.

**Palavras-chave:** Extensão. Cultura. Curadoria.

### Abstract

This paper aims to reflect about the curatorial project UFRJ 2020, held in 2015, with support and funding from the Dean's Office of the Center for Technology and the School of Fine Arts, both at the Federal University of Rio de Janeiro. The cycle of exhibitions, held between April and August 2015, was integrated as activities of the extension project Escola Atitude de Comunicação e Artes, held between 2013 and 2016, making the actions of the curatorial project and extension/teaching interrelated.

**Keywords:** Extension project. Culture. Curatorship.

---

<sup>1</sup>Docentes Associadas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - sales.michelle@gmail.com; mgrimaldi@eba.ufrj.br

<sup>2</sup> Discente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - felipeab@live.com

<sup>3</sup> Mais informações, fotos, vídeos, entrevistas e arquivos no link: <https://www.facebook.com/Projeto-CT-EBA-UFRJ-2020-362273457292328>

<sup>4</sup> Sobre o projeto Escola Atitude de Comunicação e Artes, mais no link: <https://escolatitude.wordpress.com/about/resumo-do-projeto-para-a-jic/>



## 1 Introdução

O dia seguinte ao sonho, a profecia que ousou proferir uma data. Um olhar do futuro lançado em retrospecto sobre um projeto finalizado, mas também reflexão, balanço entre expectativas e conquistas, do que se passou, do que nem mesmo chegou e ficou por vir. É como nos situamos, pois não se trata apenas de revisitar e refletir sobre um projeto curatorial, interdisciplinar, intersetorial, entre a Escola de Belas Artes e o Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas de repensar, neste momento crítico, a continuidade e sobrevivência, em especial, desta mesma universidade.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo descrever e refletir acerca do projeto curatorial UFRJ 2020<sup>5</sup>, realizado no ano de 2015, com apoio e financiamento da Decania do Centro de Tecnologia e da Escola de Belas Artes, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ciclo de exposições, realizadas entre abril e agosto de 2015, foi integrado como atividades do projeto de extensão Escola Atitude de Comunicação e Artes<sup>6</sup>, realizado entre 2013 e 2016, fazendo com que as ações do projeto curatorial e de extensão/ensino estivessem interrelacionadas. Foi pensado, inicialmente, como um projeto capaz de pensar as transformações, reformas, ampliações e inauguração de novos prédios localizados no campus do Fundão, e de refletir acerca da função social da universidade e sua projeção para o futuro, bem como o tipo de ocupação e uso dos seus espaços feitos por estudantes, funcionários e professores. Pretendemos representar esteticamente o espaço da UFRJ, devolvendo um olhar atento e crítico através desse gesto afetivo que culminou na criação dos trabalhos.

UFRJ 2020 foi um projeto curatorial composto por três exposições (*Project landscape* de Fabrício Cavalcanti; *Espécies de Espaços*, de César Baio; e *Linha Vermelha* de Tiago Batista) que ocuparam o *hall* do prédio do Centro de Tecnologia (CT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado na Ilha do Fundão. O projeto realizado

---

<sup>5</sup> Mais informações, fotos, vídeos, entrevistas e arquivos no link: <https://www.facebook.com/Projeto-CT-EBA-UFRJ2020-362273457292328>

<sup>6</sup> Sobre o projeto Escola Atitude de Comunicação e Artes, mais no link: <https://escolatitude.wordpress.com/about/resumo-do-projeto-para-a-jic/>



no primeiro semestre de 2015 tinha a proposta de explorar artística e criticamente o Plano Diretor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PD UFRJ-2020, aprovado pela reitoria no final de 2010. Já nos encontrávamos, portanto, a meio caminho da data prevista para sua implementação, uma grande reestruturação administrativa e urbanística que viria celebrar o centenário da universidade, a primeira do Brasil. No entanto, se naquele momento, perto do término do prazo, a concreção das propostas ambiciosas e utopias da computação gráfica elaboradas num período de amplo desenvolvimento econômico, social e de estabilidade política já parecia improvável, hoje, com a distância de alguns anos, é sabido que ela não se efetivou.

Não há conforto nessa distância, curta demais para uma reflexão histórica e sem amplitude para vislumbrar um horizonte de futuro, cada vez mais ofuscado pelo adensamento do autoritarismo e obscurantismo. De lá para cá, apenas para mencionar alguns eventos, a primeira universidade, ainda que insulada, sofreu duros golpes que comprovam suas ligações com os rumos do país, e esses foram: logo no ano seguinte, 2016, o misterioso incêndio na reitoria que acarretou na queima de documentos importantes e desalojou mais uma vez a Escola de Belas Artes, dispersa e ainda sem sede; o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, em seguida; o incêndio que destruiu o Museu Nacional-UFRJ em 2018, logo após as comemorações de seus duzentos anos; e o impiedoso corte de verbas que acarreta não só na precarização da já comprometida infraestrutura, mas também na inadimplência com as contas básicas, com os terceirizados da manutenção e limpeza, na falta de verbas para projetos e pesquisas que dão retorno à sociedade, assim como assistência estudantil, fazendo com que o orçamento despenque aos níveis de mais de uma década atrás<sup>7</sup>.

Apesar de todo esse retrocesso agravado pela pandemia e a desmobilização que compele, a UFRJ se mantém no topo dos *rankings* das melhores universidades do Brasil e da América Latina, se tornou mais diversa com o aumento de estudantes negros e

---

<sup>7</sup> ALFANO; NIKLA. Com o dobro de alunos, universidades federais têm mesma verba de 2004 e podem parar em julho. O Globo, 2021. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/com-dobro-de-alunos-universidades-federais-tem-mesma-verba-de-2004-podem-parar-em-julho-1-25006888>>. Acesso em 14 de agosto de 2021.



indígenas, e pode se orgulhar da criação de uma vacina para combater a Covid-19<sup>8</sup>. Essas são as constatações do ano seguinte ao que foi sonhado no Plano Diretor de 2020, acontecimentos que não podem ser ignorados, pois se interpõem entre o momento presente e as atividades passadas sobre as quais refletimos, e também as redimensionam.

Em vista disso, como rever as fotografias do artista visual Fabrício Cavalcanti, suas cenas em tons metálicos de ambiência industrial, maquina? Quais sentidos recebem os prédios futuristas e guindastes abandonados em paisagens desérticas, desabitadas? Quanto aos trabalhos de César Baio, artista multimídia, como repensar as panorâmicas criadas por aplicativos de celular, fotografias, que mais do que abarcar a totalidade de um horizonte, inserem cortes, buracos, pontos cegos ao explorar as falhas do próprio aplicativo, que cria transições ao invés de limites entre espaços. Não nos encontramos atualmente cada vez mais imersos nesse mundo digital, por uma conectividade mais intensa, ininterrupta que também esfumaça as fronteiras com o mundo analógico? Por último, as fitas do artista visual português Tiago Batista, rolos e mais rolos a formar um desenho chamado de “Linha Vermelha” no qual as imagens de ossos e engrenagens se sobressaem entre o abstrato e o figurativo, conjugando também os opostos homem e máquina, por interconexões que aludem a cabos e artérias. Como rever essas relações e caminhos, neste momento em que o acesso à universidade não tem se dado pela homônima via expressa?

---

<sup>8</sup> LOPES, Raquel. Anvisa recebe pedido de realização de estudo de vacina contra Covid da UFRJ. não paginado. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/anvisa-libera-estudos-clinicos-de-vacina-contracovid-da-ufjr.shtml>>. Acesso em: 14 de agosto de 2021



Figura 1: Hall do Bloco A Centro de Tecnologia da UFRJ, 2015.



Fonte: Autor (2015)

Desse modo, revisitar o Projeto UFRJ 2020 não é mera nostalgia de um período pré-catastrófico, mas a chance de refletir sobre aquela experiência interdisciplinar, de parceria e diálogo entre o Centro de Letras e Artes e o Centro de Tecnologia – mas também com pessoas de fora da universidade, como os artistas – de intervenção no espaço universitário, pela qual mais do que se instalar, a arte propôs novos olhares, sensibilizou, intrigou, chamou atenção, ocasionou pausas num local de passagem. Neste momento de medo e incertezas, é importante não se paralisar e encontrar maneiras de resistência e continuidade para pensar no futuro mais por estratégias do que por utopias.



## 2 Desenvolvimento

Esta ação de extensão foi pensada inicialmente como um projeto capaz de refletir as transformações, reformas, ampliações e inauguração de novos prédios localizados no *campus* do Fundão, e de refletir acerca da função social da universidade e sua projeção para o futuro, bem como o tipo de ocupação e uso dos espaços da universidade feitos por estudantes, funcionários e professores. Pretendeu representar esteticamente o espaço da universidade, devolvendo um olhar atento e crítico através desse gesto afetivo que culminou na criação dos trabalhos.

Rever o projeto de expansão da UFRJ proposto em 2015, agora em 2021, representa, como pontuamos, deparar-se com enormes desafios. No contexto atual, atropelados pela pandemia, pelo ensino remoto e pelo isolamento social, aquilo que “prevíamos” cinco anos atrás através da fabulação em torno das obras em grande parte não aconteceu, embora, como veremos, a UFRJ “do futuro”, pensada pelo projeto de curadoria, já vislumbrava questões em torno da degradação dos espaços e do meio ambiente, da relação com a tecnologia e com o entorno hiper populoso da cidade.

Assim, o projeto curatorial UFRJ 2020 consistiu num ciclo de exposições/ocupações que aconteceram no espaço do Hall de entrada do Bloco A do Centro de Tecnologia, no campus do Fundão, da UFRJ. O espaço, por si, apresentava enormes dificuldades do ponto de vista da montagem por conta de sua dimensão e escala, e por não se tratar de um espaço expositivo tradicional.

Num recuo, entre os anos 1970 a 1990, é possível perceber um conjunto variado de transformações no campo da arte contemporânea onde se destaca o surgimento da figura do curador. O curador se torna um mecanismo importante no contexto da arte contemporânea, pois se traduz como uma espécie de “selecionador”, mas também “decodificador” de trabalhos de arte, em grande parte conceituais, imateriais, performáticos e que precisam de mediação com o público, convidado a interagir e alterar o sentido das obras cada vez mais. De acordo com Olu Oguibe:



[...] é no final do século XX e início do século XXI que a formação primordial dos curadores não é mais somente em história da arte ou filosofia, mas sim com “habilidades empresariais”. Isso quer dizer que, além de entendido de arte e de relações públicas, o curador ainda deve ser um burocrata, ou seja, saber trabalhar a favor da instituição em harmonia com o que ele especificamente quer apresentar de arte e o que a instituição deseja em número de visitantes e orçamento, além do público. O mesmo autor também destaca o compromisso “quase clandestino” do curador para com a arte diante das especulações institucionais. (OGUIBE apud BARRETO, 2016, p. 2348).

Dessa forma, percebemos o trabalho de curadoria junto a instituições como o Centro de Tecnologia e a Escola de Belas Artes como um trabalho colaborativo e aberto e que esteve responsável pelo desenvolvimento do projeto, análise, seleção e acompanhamento da realização dos trabalhos de arte, produção das *vernissages* e *fnissages*, organização de visitas-guiadas, de entrevistas com artistas e da elaboração de material para circulação na imprensa, assim como o catálogo da exposição. A curadoria também esteve envolvida na produção executiva e operacional do projeto.

Do ponto de vista operacional, o projeto de curadoria UFRJ 2020 consistiu para além da execução das três exposições: *Project Landscape*<sup>9</sup>, de Fabrício Cavalcanti, *Espécies de espaços*<sup>10</sup>, de César Baio, e *Linha Vermelha*<sup>11</sup>, de Tiago Baptista. O projeto expositivo esteve acompanhado de material proveniente de pesquisa visual elaborado pela curadoria e sua assistência, disposto no *hall* de entrada do Centro de Tecnologia. Esse material de pesquisa contemplou a concepção e criação do campus do Fundão, disponibilizando fotografias obtidas em bancos de imagens e arquivos públicos da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Mais no link: <https://www.facebook.com/ufjrct/photos/a.831674366856369/1012478222109315/>

<sup>10</sup> Mais no link: <https://www.facebook.com/events/1468041790153172/?ref=newsfeed>

<sup>11</sup> Mais no link: <https://www.facebook.com/362273457292328/videos/419925908193749>



Figura 2 - UFRJ 2020, público interagindo com material permanente da exposição.



Fonte: Autor (2015)

Ainda sobre a curadoria, percebemos a forma como este projeto curatorial, para além das exposições, consistiu também numa residência artística, pois todos os artistas selecionados para expor desenvolveram trabalhos *in loco*, através de pesquisa e imersão na vida do campus do Fundão. A orientação curatorial era a de propor trabalhos de arte *site specific* e que dialogassem com o espaço expositivo e com a questão da própria universidade. Segundo Olu Oguibe em *O fardo da curadoria*:

A profissão de curador na arte contemporânea foi diversificada e ampliada para fora da estrita, e possivelmente obrigatória, associação institucional que a caracterizou nas décadas anteriores. Novos espaços e áreas da prática surgiram, incluindo, por exemplo, aqueles que hoje são ocupados de uma forma mais significativa pelo curador independente ou viajante, o qual é mais livremente conectado a galeria, museu ou coleção podendo ainda agenciar projetos de mercado ou consultoria para essas instituições, além de perseguir projetos fora da esfera institucional. (OGUIBE, 2004, p. 8).



Pensar em projetos de exibição fora dos espaços tradicionais implica também desdobramentos no campo da arte que, ao nosso ver, pressupõem o questionamento institucional dos espaços legítimos de exibição, circulação e legitimação de trabalhos de arte. Além disso, exposições fora dos espaços habituais repercutem uma contundente crítica em torno das formas como o cubo branco<sup>12</sup>, espaço consagrado do museu e das galerias, é, por outro lado, um instrumento autoritário, masculinista, europeu e branco de reprodução hegemônica de certas obras de arte. Esse processo de transformação e questionamento em torno dos espaços exibitivos tradicionais da arte marca a passagem do paradigma moderno ao contemporâneo e por isso, a partir dos anos 1960, torna-se cada vez mais comum obras, processos e práticas artísticas desinteressados pelos circuitos tradicionais de exibição e voltados para espaços não-institucionais e públicos. De acordo com a pesquisadora Zalinda Cartaxo:

Na tentativa de reavaliar os espaços institucionais, em si, idealizados, os artistas buscaram novos lugares, promovendo, conseqüentemente, novas manifestações estéticas. O espaço asséptico da galeria 'cubo branco', puro e descontaminado, foi substituído pelo espaço impuro e contaminado da vida real. Surgem os espaços alternativos para a arte: as ruas, os hospitais, os cruzamentos de trânsito, os mercados, os cinemas, os prédios abandonados etc. (...) Neste processo, os lugares não físicos também foram incorporados: os livros de artistas (múltiplos, considerados por alguns teóricos como exposições itinerantes), rádio, televisão, internet, jornais etc. O caráter plural da arte contemporânea capaz de conciliar diversas linguagens distendeu o seu suporte tradicional para uma escala urbana. A adoção destes espaços da vida cotidiana revela a vontade de reaproximação entre o sujeito e o mundo. A arte pública terá papel relevante neste processo, tendo em vista a sua inserção na cidade (agora lugar - realidade) e a sua relação direta e imediata com os transeuntes (agora o público de arte). (CARTAXO, 2009, p. 3).

Sobre a realização dos trabalhos *site specific*, ou seja, pensados de acordo e em diálogo com o espaço, percebemos que, ao longo da pesquisa e desenvolvimento das

---

<sup>12</sup> Para aprofundamento, consultar o conceito de cubo branco em O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



exposições, os artistas, a equipe de montagem e a curadoria estiveram envolvidos com dificuldades em torno da ocupação do espaço, da relação com o público e da preservação e conservação das obras. Assumimos o caráter transitório da ocupação e as obras foram convidadas a pensar um forte diálogo com seu entorno, imaginadas em seu potencial de intervenção no cotidiano dos estudantes, funcionários e professores que, todos os dias, transitavam por ali. Para Zalinda Cartaxo:

Toda obra de site-specific constrói uma situação, isto é, estabelece uma relação dialógica e dialética com o espaço. Ao contrário da escultura modernista que manifestava indiferença pelo espaço ao manter-se sob um pedestal, revelando, assim, uma ausência de lugar ou de um lugar determinado, a obra de site-specific dá ênfase ao lugar ao incorporá-lo. Como realidade tangível, a arte site-specific considera os elementos constitutivos do lugar: as suas dimensões e condições físicas. Estas obras referem-se ao contexto ao qual se inserem oferecendo uma experiência fundada no 'aqui-e- agora', tendo em vista a participação do público (responsável pela conclusão das obras). O imediatismo sensorial (extensão espacial e duração temporal) revela a impossibilidade de separação entre a obra e o seu site de instalação. (CARTAXO, 2009, p. 4).

Por isso, consideramos que todas as obras realizadas ao longo do projeto curatorial UFRJ 2020 são obras *site specific*, são obras pensadas a partir do espaço em que são produzidas, em primeiro lugar, pois as obras tiveram a universidade como uma espécie de metanarrativa, um substrato principal de onde se partiu para imaginar e pensar a universidade do futuro. Para além disso, a realização e escolha dos materiais e equipamentos utilizados levaram em consideração a dimensão e escala do espaço que tínhamos para realização das exposições. A fim de não se perder visualmente num enorme hall de entrada, as obras pensadas levaram em consideração a necessidade de despertar a atenção dos transeuntes e conseguir estabelecer vínculos com o público. Dessa forma, o tipo de montagem esteve também condicionado à dimensão do espaço, o que fez com que a curadoria optasse, por exemplo, pela inserção de ruídos, já que o som é um forte elemento de intervenção.



Figura 3 - UFRJ 2020, exposição *Espécie de espaços*, 01 de junho de 2015.



Fonte: Autor (2015)

Nessa relação com o espaço, ao pensar sobre os desdobramentos em torno da ruptura com um circuito tradicional de exibição, foi importante pensar a universidade como um paradigma para compreender a condição urbana contemporânea. Foi preciso imaginá-la como um campo alargado, um espaço que engloba toda a sociedade e seu funcionamento e relaciona-se na sua exterioridade com diferentes espaços, como a casa, a escola, a cidade. Em 2015, mesmo que as obras apontassem um desgaste acentuado na relação com os espaços da universidade, marcando a forma como a precarização e o contingenciamento de recursos pode afetar de maneira distópica o futuro da universidade, havia um sentido de emergência e urgência no desejo de ocupação efetiva do espaço. Ninguém foi capaz de vislumbrar que, em 2020, o campus da universidade se tornasse um espaço completamente desertificado, radicalmente transformado pela necessidade do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Ao invés da hiper



população e das aglomerações, o que vimos em 2020 foi a desertificação do campus e o retorno do convívio pacífico entre os nativos habitantes da Ilha do Fundão: a diversa fauna e flora presente no arquipélago.

### 3 A universidade de ontem e a do futuro: o material didático da exposição

É possível pensar que ao longo das três exposições que compunham o projeto, uma quarta se alojou entre elas de modo permanente e discreto. Essa quarta exposição corresponde ao material didático e de contextualização do projeto, elaborado pelo assistente de curadoria Felipe Amancio, naquela época aluno do curso de História da Arte. Enquanto as três exposições exploravam a ideia da universidade do futuro, o material didático ali exposto, em mesas expositoras cedidas pela própria universidade, apresentava a história da criação da Ilha do Fundão e da construção de seus prédios, uma obra faraônica que se arrastou por décadas de impasses políticos. Para elaboração deste material, além da pesquisa bibliográfica, se realizou também uma seleção iconográfica, fotografias da construção da ilha que dão a ver os anseios construtivos de outra época. Quanto a isso, diferentemente do que se propaga no senso comum, a pesquisa mostrou que a ideia de criar um campus para a universidade, ainda que com prédios bastante distanciados, não foi projeto da ditadura militar – que pouco contribuiu para o andamento e finalização das obras – mas de outro governo autoritário, da ditadura Vargas que buscava não só resolver o problema de alocação de uma universidade em expansão numa cidade de terrenos escassos, mas de criar um modelo de universidade exemplar para o país (SALES, 2020, p.7)

Desse modo, justapor este material didático foi interessante não só para contextualizar historicamente, mas também para tensionar as expectativas futuras, assinalando o quanto elas ainda buscam retomar desejos antigos de um campus acolhedor, integrado e funcional que ainda não se realizou.

### 4 Sinergia entre ação cultural e projeto de extensão



O trabalho dos estudantes extensionistas do projeto Escola Atitude de Comunicação e Artes foi determinante para a execução de diversas etapas do projeto curatorial, sobretudo no desenvolvimento da residência artística. Entretanto, como ação de extensão proposta para produção de conteúdo audiovisual (englobando todas as etapas de criação de imagens: produção e pós-produção, edição não linear, legendagem, efeitos e circulação nas mídias sociais) e realização de oficinas, a ação de extensão, com o apoio dos extensionistas acompanhou também todas as etapas do projeto curatorial UFRJ 2020.

Os estudantes estiveram envolvidos no dia a dia da residência artística, realizando entrevistas, trabalhando no acompanhamento e execução da montagem das exposições ou mesmo documentando a criação dos trabalhos, as visitas realizadas e as vernissages através da criação de making offs, pequenos vídeos, entrevistas e teasers, supervisionados pela coordenadora do projeto de extensão. Pensamos a realização da residência artística como um lugar de formação e troca no campo das artes, um exercício pedagógico privilegiado que põe em interação o estudante com o fazer, e com o/a professor/professora. Concordamos com o pesquisador Marcos de Moraes que, em sua tese de doutorado, aponta que:

É possível identificar as residências artísticas como espaços específicos de criação artística, que se convertem em lugares de troca e reconhecimento, nos quais os artistas/criadores, com seus trabalhos/intervenções recuperam a complexidade e a diversidade, o significado e o valor das relações arte e vida. Nesse sentido, pensar sobre processos de criação, em deslocamento, como forma contemporânea de produção, na qual conceitos como participação, troca e vida coletiva se tornam peças fundamentais em uma estratégia de atuar. A residência é, nessa perspectiva, um instrumento de transformação ao promover o estabelecimento de relações mais amplas do que aquelas que se oferecem no ambiente escolar e mesmo em determinados circuitos de atuação ao mesmo tempo em que permite apontar alguns dos conflitos e contradições da relação entre arte e seus espaços, incluindo os de formação como a escola. (MORAES, 2009, p. 1).



Figura 4 - Bolsistas do projeto de extensão "Escola Atitude de Comunicação e Artes" trabalhando em parceria com o artista César Baio para o projeto "UFRJ 2020".



Fonte: Autor (2015)

É dessa forma que percebemos a relação dos extensionistas com o projeto curatorial e com a residência artística, como um espaço de formação e aprofundamento e como esfera de diálogo, troca e sinergia entre a produção cultural e a ação de extensão.

O primeiro vídeo realizado<sup>13</sup> da ação de extensão para o UFRJ 2020, disponível na plataforma Vimeo, consistiu numa série de entrevistas com a curadoria, e com Fernando Ribeiro, então Decano do Centro de Tecnologia, e Fabrício Cavalcanti, artista expositor. Intitulado UFRJ 2020 e a partir do tema "Como seria a UFRJ do futuro?", a produção audiovisual foi feita num cenário "futurista", escolhido através de pesquisa visual entre espaços do campus da Ilha do Fundão com os estudantes extensionistas. O

<sup>13</sup> Disponível no link:

[https://vimeo.com/123741734?fbclid=IwAR2uhk0k0z4sJlMBx0\\_4Z0i99Ym1Pqu704M2I2QKxYJXdDgIxT](https://vimeo.com/123741734?fbclid=IwAR2uhk0k0z4sJlMBx0_4Z0i99Ym1Pqu704M2I2QKxYJXdDgIxT)



material foi produzido, filmado, editado pelos estudantes extensionistas, assim como disponibilizado nas mídias sociais criadas para circulação e visibilidade do projeto curatorial UFRJ 2020.

Na sequência, realizamos, com apoio do Centro de Tecnologia da UFRJ, um percurso de barco em que filmamos praticamente todo o entorno do campus da Ilha do Fundão<sup>14</sup>, vista desde a Baía de Guanabara. Esse deslocamento teve como objetivo estabelecer um olhar externo e mais alargado para o projeto de construção da Ilha do Fundão e seus desdobramentos no tempo e espaço. Como apontamos no texto de catálogo do projeto curatorial, as obras de planejamento arquitetônico e urbanístico da construção da ilha:

[...] começaram antes mesmo da ilha ganhar forma, em 1948, o que possibilitou um rigor na execução do projeto. Jorge Machado Moreira, arquiteto de tendência modernista, foi convidado por Luiz Hildeberto Horta Barbosa, o então chefe do Escritório Técnico da Universidade do Brasil-ETUB, órgão responsável pela construção, para o cargo de arquiteto-chefe. Moreira e sua equipe conceberam um campus setorizado dispendo os prédios de acordo com a conveniência de suas atividades. Com a interligação das nove ilhas a cidade universitária ficou com extensão total de 5.957.460 m<sup>2</sup>, dos quais 2.755.920m<sup>2</sup> correspondem às áreas aterradas. Para acelerar o ritmo das obras, canteiros de obras foram construídos nos próprios terrenos da universidade e funcionários do ETUB e seus operários passaram a residir em espécies de assentamentos. (SALES, 2016).

O andamento e a realização das obras de construção do campus, entretanto, enfrentaram inúmeros percalços, atrasos e interrupções, o que, pensado ao longo do tempo, pode ter colaborado para a degradação de diferentes áreas da universidade e seu entorno que percebemos hoje. Assim como outras grandes construções urbanísticas contemporâneas ao da Ilha do Fundão, o seu projeto de construção pode ser percebido como uma narrativa autoritária e excludente, utilizando mão-de-obra de grupos subalternizados/racializados que nunca frequentariam aquele espaço. O modernismo,

---

<sup>14</sup> Disponível no link:

<https://www.facebook.com/362273457292328/videos/374834082702932/o35ayM4dc>



como muitas e muitos críticos têm apontado recentemente, foi um projeto identitário e de construção de um Brasil que fazia com que muitos fossem invisibilizada(o)s ou excluída(o)s.

#### 4 Resultados alcançados: as exposições

A primeira exposição que iniciou o projeto de ocupação da entrada azul do Centro de Tecnologia impôs um olhar que aprofundou os anacronismos sensoriais e de infraestrutura que compõem o campus da Ilha do Fundão, oferecendo-nos imagens ambíguas e contraditórias de um tempo presente ao qual se somam o passado e o futuro da universidade com certa dramaticidade.

O Project Landscape<sup>15</sup>, primeira exposição, consistiu numa série de oito fotografias de dimensões variáveis e sua montagem foi proposta como um projeto visual espacial que escapou à redução da bidimensionalidade fotográfica e assumiu relevo, tridimensionalidade. As imagens feitas a partir dos espaços da Ilha do Fundão foram convertidas em esculturas, em imagens no espaço. As obras, porém, não são apenas um estudo sobre a paisagem do campus, como também sugerem uma fabulação crítica sobre a relação entre passado, presente e futuro degradado.

Para a realização do segundo trabalho “Espécies de Espaços”, de César Baio, os estudantes extensionistas participaram ativamente de diferentes etapas da criação artística. Como o trabalho de César estava implicado na criação de imagens audiovisuais e coleta de depoimentos de estudantes e residentes do campus da Ilha do Fundão, os extensionistas tiveram um papel muito significativo. Acompanharam e realizaram inúmeras entrevistas no alojamento, na vila universitária, nos refeitórios e nas cantinas.

O trabalho de Baio caracteriza-se por imagens panorâmicas realizadas no campus da Ilha do Fundão com um aplicativo de celular e uma videoinstalação. Cesar nos projeta em suas imagens para o futuro. O marco 2020 é mote para prognósticos e premonições,

---

<sup>15</sup> Imagens no link: <https://www.facebook.com/Projeto-CT-EBA-UFRJ-2020-362273457292328/photos/pcb.377423129110694/377422205777453/>



alquimias e devaneios. Superpopulação, hiperconectividade, escassez de recursos. César Baio, em sua relação com o campus e ao longo da pesquisa fotográfica, cumpriu uma dupla função de catalogação ou classificação e imaginação/sugestão de espaços. Utilizando a panorâmica, que desde finais do século XVIII na pintura e meados do século XIX na fotografia, é técnica imbuída do desejo de ver tudo, o artista superpõe e altera espaços criando uma geografia em crise, desconstruindo, por outro lado, o olhar totalizante ao criar falsas panorâmicas, enganando a máquina, e intensificando a experiência do olhar. Esse falso olhar acaba por imprimir certa compressão de espaço e tempo tão própria da experiência contemporânea.

Por fim, a exposição que encerra o primeiro ciclo de trabalho do projeto curatorial UFRJ 2020 é uma aposta na construção imaginária de um futuro coletivo da nossa Universidade, representado aqui pelo pensamento estrutural e pela abstração da forma no traçado do artista português Tiago Batista.

Há várias mediações que podem ser feitas: o olhar estrangeiro, a permanência e a imersão do artista na vida laboral e produtiva do campus e o momento de agitação política universitária (que estava em iminência de greve em 2015<sup>16</sup>) em que aconteceu a montagem deste trabalho.

Do processo silencioso transcorrido por longos dias, parcialmente registrado em vídeo<sup>17</sup> pelos estudantes extensionistas, que acompanharam todas as etapas do trabalho, e apresentado aqui como ação performática, o artista debruça-se sobre a incontornável situação do acesso ao nosso campus. Se há metáforas, lê-se: faixas de pedestre, vias de acesso, percursos tortuosos e estruturas incompletas, elementos de construção. “Construção”, aliás, tema confesso de trabalho e inspirado na música homônima de Chico Buarque.

O desenho executado a partir da colagem de fita adesiva vermelha no chão impõe duas ordens de experiência, nem sempre complementares: a primeira, transcorrer o

<sup>16</sup> Sobre a greve de 2015: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/09/em-greve-ha-103-dias-ufrj-enfrenta-divisao-entre-setores-6713/>

<sup>17</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/131816931>



desenho pelo chão, caminhando pelos espaços em que se permite, imaginando um dançar cotidiano do usuário nesta exposição. A segunda, exigindo um interesse maior, atravessa o desenho olhando-o de cima, invertendo a relação usual do espectador com a obra, colocando-o até mesmo acima desta. Parte da generosidade do trabalho, mas não só. Essa visão total do desenho permite perceber com maior clareza certa sinfonia criada por tais estruturas, por tal geometria e por tal abstração. Mais metáforas: partitura, ruídos visuais e o som da cidade. Construção que nos chegam aos olhos e ouvidos mais uma vez.

Já tendo experimentado o artista a realizar (?) outros desenhos em grande escala com fita adesiva, é necessário mencionar o recurso do abstracionismo e do uso mínimo de elementos, no caso: linha e cor. A opção pelo vermelho não se faz apenas em analogia à nossa tão conhecida via de acesso ao Fundão. Podemos considerar o trabalho de Tiago Batista no Brasil, no campus do Fundão, em diálogo com artistas brasileiros, como Cildo Meireles. Ao optar por rotas em vermelho, Tiago traça analogias com ordens simbólicas que se sobrepõem em nosso imaginário: violência, agitação política, engarrafamento e arrastões. Tiago opta por esse desvio, pelo desvio em vermelho. O vermelho de uma construção que se quer coletiva. E para o futuro.

## Referências

ALFANO, Bruno; NIKLA, Jan. Com o dobro de alunos, universidades federais têm mesma verba de 2004 e podem parar em julho. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 de maio de 2021. Brasil; Educação. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/com-dobro-de-alunos-universidades-federais-tem-mesma-verba-de-2004-podem-parar-em-julho-1-25006888> [Acessado em agosto de 2021]

BARRETO, Karoline Marianne. Curadoria, obra, público e museu: o panorama da arte brasileira como exposição produtora de sensibilidades. Anais: **25º Encontro Anual da Anpap**, Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<[http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s2/karoline\\_marianne\\_barreto.pdf](http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s2/karoline_marianne_barreto.pdf)>

Acesso em: 09 de agosto de 2021



CARTAXO, Zalinda. Arte nos espaços públicos. A cidade como realidade. **O percevejo**, Vol. 1, n. 1, 2009. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/431/380> Acesso em 05 de agosto de 2021.

LOPES, Raquel. Anvisa recebe pedido de realização de estudo de vacina contra Covid da UFRJ. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 9 de agosto de 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/anvisa-libera-estudos-clinicos-de-vacina-contracovid-da-ufrj.shtml> [Acessado em agosto de 2021]

MORAES, Marcos José de Santos. Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão. Tese apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos\\_Jose\\_tese.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos_Jose_tese.pdf) Acesso em 09 de agosto de 2021.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OGUIBE, Olu. O fardo da curadoria. **Concinnitas**, vol. 1, n. 6, 2004. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44475/30248> Acesso 05 de agosto de 2021.

**Plano Diretor UFRJ 2020**. Editado pelo Serviço de Mídias Impressas, Virtuais e de Produção Editorial da Superintendência Geral de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

[SALES, Michelle](#). **UFRJ 2020**. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes UFRJ, 2016 [Catálogo].

UFRJ é a melhor universidade do Brasil e a segunda da América Latina, diz estudo espanhol. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 de fevereiro de 2021. Brasil; Educação. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/ufrj-a-melhor-universidade-do-brasil-a-segunda-da-america-latina-diz-estudo-espanhol-24875845> [Acessado em agosto de 2021]